

## UM NOME PRÓPRIO: TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Maria Rita de Assis César – UFPR

O texto analisa a exclusão de transexuais e travestis do universo escolar em virtude da proibição do emprego do nome social, tomando como referência os movimentos sociais GLBT. Analiso primeiramente o papel da escola na reprodução do sistema normativo sexo-corpo-gênero, mobilizando os conceitos de dispositivo da sexualidade, normatização e biopoder, de Michel Foucault, além de sua interrogação sobre as ‘patologias sexuais’, como os hermafroditas. Trabalhos de Judith Butler e de Berenice Bento também são discutidos para a crítica da heteronormatização da experiência transexual. Ao final do texto, recorro a Orlando, o personagem homem/mulher de Virginia Woolf. Orlando aparece como um corpo libertador e andrógino, pois, ao cruzar os séculos com um mesmo nome, permanece sempre estrangeiro e distanciado em relação à rigidez dos valores heteronormativos que constituíram o dispositivo da sexualidade. O emprego do nome social na escola atende às necessidades e exigências de corpos que, diferentemente de Orlando, foram produzidos por um tempo marcado pela heteronormatividade compulsória.

Palavras-chave: nome social; instituição escolar; heteronormatividade; dispositivo da sexualidade.